

# O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*THE LITERACY PROCESS IN CHILDHOOD EDUCATION*

*Ivanete Scopel Antunes*

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, RS, Brasil

*Lúcia da Silva de Souza*

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, RS, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v4i1.189>

Recebido em: 05.03.2023

Aceito em: 04.05.2023

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é contribuir com a investigação de alternativas que auxiliam para o desenvolvimento da competência intercultural na alfabetização. Importante também uma descrição da função da educação inicial e como este nível têm incentivado esses processos. É muito importante conhecer o contexto em que a alfabetização será desenvolvida; conhecer o papel que o professor deve ter e quais são os objetivos (em geral) que se deseja que os alunos alcancem. O objetivo é que o leitor em potencial possa entender a importância da alfabetização como uma realização social, cultural e cognitiva e entender que a criança não é alfabetizada de um dia para o outro, mas é um processo em que todos nós devemos participar e se fazer responsável. Finalmente, há algumas reflexões com o fim de conduzir o debate sobre este tema entre as pessoas interessadas, e assim contribuir para a transformação na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Leitura. Linguagem escrita. Sistema de ensino.

**Abstract:** The purpose of this article is to contribute to the investigation of alternatives that help to develop intercultural competence in literacy. Also important is a description of the role of initial education and how this level has encouraged these processes. It is very important to know the context in which literacy will be developed; know the role that the teacher should have and what are the goals (in general) that want the students to achieve. The goal is that the potential reader can understand the importance of literacy as a social, cultural and cognitive achievement and understand that the child is not literate overnight, but it is a process in which we all must participate and make ourselves responsible. Finally, there are some reflections in order to lead the debate on this topic among interested people, and thus contribute to the transformation in Early Childhood Education.

**Keywords:** Literacy. Reading. Written language. Education system.



## 1 Introdução

Este artigo tem como objetivo contribuir para desafiar os elementos de práticas de preparação que são realizados nos centros de educação inicial destinados a promover o desenvolvimento de competências e habilidades que permitirão as crianças enfrentar com êxito as várias tarefas que demandam a aprendizagem de leitura e escrita no primeiro nível do ensino básico no processo de alfabetização.

Para Guedes (2001), estas práticas respondem a abordagens empíricas e comportamentais à aprendizagem, que postulam que a pessoa aprende pela repetição simples, deixando de lado que o sujeito constrói o conhecimento da interação com o ambiente sociocultural, as pessoas, objetos, a criação de hipóteses e as tentativas para entender o mundo ao seu redor.

As pesquisas sobre os leitores singulares, isto é, crianças que aprendem a ler e são alfabetizadas em sua casa sem instrução formal, concordam que a linguagem escrita emerge de uma necessidade de se comunicar com os outros e que o ambiente exerce uma grande influência sobre o desenvolvimento desta capacidade. Esses estudos levam a questionar as práticas de posicionamento, dividida em diferentes áreas que são realizadas pelos centros de educação inicial e que em muitos casos representam atividades sem sentido, no qual se presume que o sujeito aprende repetindo de forma passiva e mecânica.

Em análise dos processos iniciais da alfabetização, a finalidade do presente trabalho parte de uma abordagem teórica para o papel da educação inicial e o processo que foi seguido nesta questão.

Souza (2001), afirma que posteriormente, é estudada a apropriação da linguagem escrita pela criança, concebida como um processo construtivo, interativo, de produção cultural, que leva à reflexão e à ação do sujeito; como uma proposta pedagógica que contribui para a transformação, a este nível, do sistema de educação nacional.

Quando falamos de alfabetização entramos em uma questão controversa que levanta muitas questões que ainda hoje, não tem respostas claras. O próprio conceito de alfabetização não é fácil de explicar.

Alfabetização não é equivalente ao saber as letras do alfabeto e saber como usá-los para ler e escrever significa muito mais do que isso. Incluem atitudes, crenças e expectativas sobre a escrita e a leitura, e o lugar e o valor dessas atividades na vida da pessoa. Desta forma, a alfabetização é transformada em um fenômeno complexo.

## 2 Quando começa a alfabetização

De acordo com Gomes (2005), em algumas crianças parece que aprender a escrever e ler é produzido espontaneamente e “natural”, e às vezes muito antes da educação formal. Algumas crianças começam a ler livros ilustrados simples (são guiados pelas imagens, ainda não decodificar o livro impresso) e escrever palavras, tais como o seu nome, o de seus familiares, seus brinquedos, entre outros. Alguns até compõem frases, histórias e poemas na fase pré-escolar.

À primeira vista, pode parecer que estas realizações são semelhantes a outras do tipo biológico e cultural, sem nenhum tipo de intervenção especial do ambiente da criança. No

entanto, se observarmos as primeiras atividades de alfabetização das crianças, descobriremos que estas sentem mais interesse pela leitura e escrita, observam mais essas atividades e participam nelas, juntamente com escritores e leitores mais competentes que, em especial são os pais, irmãos mais velhos e professores.

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de assimilação que Piaget coloca no âmago de sua teoria (FERREIRO, 1999, p. 24).

Portanto, podemos dizer que o desenvolvimento da alfabetização constitui um processo profundamente social inserido nas relações sociais, especialmente nas crianças com as pessoas mais próximas do seu ambiente.

Essas pessoas servem de modelo, oferecem materiais, criam expectativas e ajudam, instruem e incentivam. O desenvolvimento da alfabetização começa nas relações das crianças com seus cuidadores imediatos e se expressa e desenvolve em comunidades cada vez mais amplas.

Uma ideia central em muitos estudos de alfabetização recentes é que a escrita e a leitura são formas de construir, interpretar e comunicar significados. Assim, concebe-se que a leitura e a escrita são muito mais do que a mera decodificação e codificação dos impressos: são formas de construir e transferir significados através da linguagem escrita. Obviamente, nem todos leem ou escrevem com a mesma facilidade ou fluência, nem usamos a escrita ou a leitura da mesma forma ou com extremidades idênticas.

Talvez, então, em longo prazo, é apropriado pensar em “múltiplos letramentos escolares” (FERREIRO, 2008, p. 19). De acordo com esta ideia, há muitas maneiras de ser e tornar-se alfabetizado, e como desenvolver alfabetização e como usá-la depende das circunstâncias sociais e culturais específicas. De acordo com a teoria Vigotskiano “não há nenhum método ideal para o ensino de alfabetização, cada professor cria a sua própria metodologia, baseada na linguagem natural e nas experiências do aluno e levando em consideração os seus esquemas, enriquecendo-os cada vez mais, contribuindo para formar aqueles de que carece”.

É por isso que, para entender o desenvolvimento da alfabetização, Ferreiro (2008, p.23) diz que:

Devemos estudar e aprender sobre o ambiente em que as crianças crescem, e como esses ambientes oferecem oportunidades para se cercarem de livros, papéis e ferramentas de escrita. As circunstâncias ambientais não são apenas o ambiente físico, mas também as relações humanas que determinam quantas vezes e em que situações as crianças são colocadas em contato com as ferramentas, materiais, usos e significados de alfabetização. Em algumas culturas o desenvolvimento deste está intimamente ligado à escolaridade, mas para muitas crianças atualmente, a alfabetização começa muito antes da educação formal, em casa e em outras configurações comunitárias, como creches, paróquias.

A alfabetização é uma conquista social e cultural, bem como cognitiva, que permitirá que as pessoas, no presente e no futuro, participem em vários grupos de atividades que, de certa forma, envolvam leitura e escrita. Está intimamente ligada a relações específicas e atividades sociais e culturais e circunstâncias, como ler o jornal, pagar impostos, observar sinais e cartazes publicitários nas ruas, escrever e ler cartas, expandindo conhecimento do mundo, abrir os olhos

sobre esta e muitas outras atividades e direitos que nos fazem desenvolver como pessoas, ser crítico e consciente da realidade que nos rodeia e, a partir daí, construir a nossa própria história, a nossa sociedade.

### **3 Alfabetização: novas perspectivas pedagógicas na aprendizagem da leitura e escrita**

Com base nas teorias de Piaget e Vygotsky, houve várias pesquisas e novas propostas foram formuladas sobre a aprendizagem de alfabetização. Entre elas: a psicogênese da língua escrita, as funções linguísticas e a abordagem psicolinguístico de Emília Ferreiro (2006).

Ferreiro (2006), em sua pesquisa sobre o processo de apropriação da língua escrita, constata que meninos e meninas vão através de uma série de níveis e subníveis neste processo de aprendizagem e que ao ingressar na escola, já têm certas concepções sobre a escrita isso quer dizer que desde muito cedo, as crianças tentam explicar as informações escritas que lhes chegam de diversas fontes: embalagens de biscoitos, refrigerantes, jornais, livros e outros.

O processo de aprendizagem da leitura-escrita intervém em grande medida no contexto sociocultural e a função social que tem a linguagem escrita para comunicar significados, uma vez que, através dele, todos os tipos de conhecimento, crenças e valores são transmitidos. Ferreiro (1999, p. 132) menciona sete categorias de funções linguísticas que são desenvolvidas no contexto social e que se aplicam tanto à linguagem oral como à linguagem escrita:

- Instrumental. É a linguagem que é usada para satisfazer necessidades.
- Regulamentação. É o que é usado para controlar o comportamento dos outros.
- Interacional. Refere-se a linguagem para manter e estabelecer relações sociais.
- Pessoal. É aquele que permite exprimir opiniões pessoais.
- Imaginação permite expressar o que imaginamos e criamos.
- Linguagem heurística. Permite-nos criar informações e respostas sobre coisas diferentes que se quer saber.
- Linguagem informativa. É aquela que permite comunicar informações.

Em outras palavras, na apropriação da língua escrita são essenciais o contexto sociocultural e o uso funcional que dê a criança a linguagem para comunicar significados; por este motivo, é necessário que os professores, os educadores e outros adultos que interagem com a criança para promover nelas a capacidade comunicativa em todas as suas formas, o que permitirá a socialização de seus atos e a integração com sua cultura e conhecimento do mundo.

Numerosos pesquisadores sobre os leitores naturais como Guedes (2001) concordam que a linguagem emerge a necessidade de comunicar com os outros, e que o ambiente exerce uma grande influência no desenvolvimento desta especialidade.

Esses ambientes são caracterizados pela interação verbal entre os membros da família, onde a criança tem acesso a todos os tipos de materiais para a leitura e escrita. E quando a leitura é uma atividade diária para que os adultos manifestem interesses; assim também, responder à curiosidade sobre a linguagem escrita e seu esforço para interpretá-la de tal forma que a “capacidade de ler não surge no vácuo, mas é com base no conhecimento pré-existente da criança sobre a linguagem e é construída por meio de um processo dinâmico no qual se interagem e se

apoiam a quatro processos de idioma: escutar, falar, ler e escrever” (MARTINS, 2004, p. 69).

Todas estas contribuições teóricas indicam que o conhecimento sobre a linguagem escrita é construído através da participação ativa da criança no contexto natural e cotidiano, quando usado em uma forma funcional com bom senso e os reais significados.

Outra contribuição importante é a proposta de Guedes (2001), constrói uma proposta pedagógica para a aprendizagem da leitura e da escrita (Filosofia da Linguagem) que resulta dos estudos citados anteriormente e da pesquisa realizada tanto sobre os processos de apropriação da leitura em sala de aula com estudantes de diferentes níveis educacionais e de vários grupos étnicos.

O grupo escolar é uma das poucas oportunidades (se não a única) de convivência de crianças da mesma idade. Isto significa que não apenas podem estabelecer intercâmbios com adultos ou com crianças maiores ou menores tal como lhes permite o âmbito familiar, mas fundamentalmente com outros pares, que se encontram na mesma situação; que possuem interesses, conhecimentos e necessidades que podem ser compartilhados. Quer dizer, trata-se de um bom lugar para praticar a socialização, em seu sentido mais amplo. Esta situação privilegiada pode ser aproveitada para que as crianças compartilhem entre si o processo de compreensão da escrita, através de seus intercâmbios (GUEDES, 1981, p.101).

A filosofia da linguagem não é um método para ensinar a ler e a escrever, mas é uma nova concepção de linguagem e de interação humana, onde os professores e os alunos desempenham um papel de liderança no processo de ensino e aprendizagem como pesquisadores de contextos socioculturais em busca do conhecimento das diferentes realidades.

De acordo com Soares (2004), a leitura e a escrita constituem uma das aprendizagens centrais de toda a escolaridade e todas as áreas de conhecimento recorrem a elas. Desde a psicologia cognitiva se representa a maneira de compreender a leitura e os processos que se coloca em jogo, isso é pensado como uma maneira de processar as informações que o texto oferece e de construir significado. O leitor compreende um texto quando pode dar-lhe significado e colocá-lo em relação com seus interesses e conhecimentos prévios. A compreensão de um texto é relativa a cada leitor, pois cada pessoa possui experiências de vida diferentes consequentemente concede a leitura diferentes significados.

A teoria das estratégias mentais explica como a informação contida no texto se integra ao conhecimento prévio do leitor e influencia seu processo de entendimento. Uma estratégia é a rede ou a categoria em que se armazena no cérebro, o que se aprende.

De acordo com Martins (2004), as estratégias cognitivas são processos mentais que o leitor põe em ação para interagir com o texto: são os modos de uso do seu conhecimento prévio e dados que o texto proporciona. O autor destaca as estratégias como: previsão: consiste na constante formulação de hipóteses que o leitor está fazendo durante a sua leitura. Inferência: Abrange tanto as deduções estritamente lógicas como as conjeturas ou hipóteses que podem realizar-se a partir de certos dados que permitem pressupor outros. Verificação: se confirmam ou modificam a hipótese. Correção: se pode reavaliar as informações já processadas e retroceder buscando informações que foi ignorada.

Para Menegassi (2010), a escrita é uma prática significativa. É uma forma de estender o corpo do que escreve para o mundo em busca de sentido, de fazer sentido, uma vez que é o sentido que se antecede ao curso convencional. A escrita procura um sentido de quem escreve

que é dado pela diversidade cultural, os elementos textuais e do que é estabelecido.

O mesmo autor ressalta que, na escrita não se pode ver apenas um código uma habilidade psicomotora. É o que lhe permite vincular o que é de si mesmo e o que é do outro: o sistema simbólico da escrita é conjugado. A coisa real sobre a materialidade de papel e tinta, a realidade da materialidade do papel e da tinta o imaginário do curso, que faz um espelho do assunto que escreve.

#### **4 Alfabetização e letramento: trabalhando com significação**

Torna-se mais que importante discutir alfabetização e letramento diante de todo o alarme que permeia a educação pública brasileira e diante principalmente de inquietações que giram em torno do prático e não do teórico, é no mínimo desafiador. Para tanto, é preciso sensibilidade, dedicação e responsabilidade para entender que, antes de qualquer prática, nesse caso tratando-se de metodologia em sala de aula, faz-se necessário elucidar isso com embasamento teórico para que se justifique tais medidas que serão tomadas a partir daí.

Para que o professor seja autônomo e saiba justificar suas ações, principalmente em se tratar de formação do outro, é imprescindível que este conheça o objeto que pretende intervir e tudo aquilo que permeia suas possíveis tomadas de decisões.

O professor que trabalha nos anos iniciais precisa conhecer e dominar os conceitos de Alfabetização e letramento e reconhecê-los como pontes que os ligam interação e integração social, a resolver problemas, perceber o mundo e o seu mundo de forma reflexiva e crítica. Repensando com isso, o ensino da alfabetização e letramento, Martins (2004, p. 21), afirma:

Os estudos acerca da psicogênese da língua escrita trouxeram entendimento de que a alfabetização, longe de ser a apropriação de um código, envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação linguística. Os estudos sobre o letramento foram igualmente férteis no que diz respeito à compreensão da dimensão sociocultural da língua escrita e de seu aprendizado. Em estreita sintonia, ambos os movimentos, nas suas vertentes teórico-conceituais, romperam definitivamente com a segregação dicotômica entre o sujeito que aprende e o professor que ensina. Estes estudos romperam também com o reducionismo que delimitava a sala de aula como o único espaço de aprendizagem.

É fundamental também delimitar o espaço da sala de aula como único para que aconteça o processo ensino-aprendizagem, é negligenciar as várias aprendizagens consolidadas ao longo da vida, informais, mas capazes de educar e formar tão quanto essa outra. Para isso, é evidenciar outros espaços de aprendizagem da leitura, escrita e interpretação, para além dos muros da escola, dispondo dos recursos tecnológicos e audiovisuais capazes de auxiliar nesse processo e reafirmar a essa geração o prazer que é aprender, conhecer e apropriar-se de conhecimentos capazes de garantir significativas transformações sociais e de poder.

#### **5 Papel do professor hoje no processo da alfabetização**

Dado que a responsabilidade pedagógica para ensinar a ler e a escrever tem sido historicamente atribuído e assumido pela escola, a alfabetização é também um processo

institucional e curricular que requer o planejamento cuidadoso, necessário para garantir a todas as crianças oportunidades de aprendizagem.

A assunção de responsabilidade de alfabetização para as novas gerações de professores requer um projeto contendo as decisões explícitas em relação a uma vasta gama de aspectos, entre os quais aqueles relativos aos objetos de conhecimento - a concepção da linguagem escrita, de processos e práticas de leitura e escrita; o papel da oralidade e literatura; os processos de ensino e aprendizagem e contextos envolvidos; a atenção para a diversidade de sujeitos que pertencem a diferentes contextos; a articulação entre níveis e anos; estratégias metodológicas para a realização da aprendizagem; a seleção de livros, textos e recursos; a organização pedagógica do tempo e do espaço; os processos de avaliação, acompanhamento e acesso, entre outras questões (MIGUEL, 2012, p. 31).

Se a alfabetização é concebida como um processo, este conjunto de decisões devem ser tomadas a nível institucional a partir de uma abordagem que mantenha a articulação e coerência horizontal entre os espaços. Um desses processos é formação para professores para aprender o conteúdo da alfabetização inicial quando eles assumem uma cadeira em que eles têm a responsabilidade de ensinar-lhes.

Neste sentido, podemos dizer que os professores assumem o papel formador basicamente sem conhecimento prévio da alfabetização inicial e desenvolvem uma formação aleatória, em muitos casos individuais, para construir o saber que necessitam para a matéria.

Os professores realizam esforços sustentados no sentido de formação. Miguel (2012) revela uma tendência dos professores para estudar cada vez mais contínua, mas a decisão dos professores não é sinônimo de aprendizagem de propostas concretas de intervenção sobre os problemas da prática docente (incluindo a alfabetização inicial).

Para Miguel (2012), mesmo com toda a dificuldade é fundamental que o professor torne evidente o seu interesse e prazer pela alfabetização e pela docência em si, que se mostre ante às crianças como um sujeito que lê e escreve cotidianamente; que se compromete ao fazê-lo e obtém satisfação em ambas atividades.

Pois, especialmente em regiões onde o docente é um dos poucos sujeitos avançados no processo de alfabetização com o qual as crianças interagem, seria utópico supor que se o professor lê e escreve com moderação e com desagrado, as crianças poderão ser capazes de estabelecer um vínculo com a leitura e a escrita, que seja substancialmente diferente.

De acordo com Soares (2006), também é desejável fornecer às crianças algumas referências acerca do autor ou autores dos livros que são levados para a sala de aula. Desta forma, as crianças vão se familiarizando com a autoria como características dos textos e vão conhecendo autores de diferentes épocas, de diferentes tipos de texto, de diferentes estilos e correntes, ao mesmo tempo em que se vão constituindo em autores.

O autor citado acima diz ainda que, o professor pode também levar o jornal do dia, comentar uma notícia que é importante e atraente para os alunos. Também pode exibir uma receita que tem sido usada recentemente. Ou seja, trata-se de compartilhar seus próprios leitores de diferentes tipos de texto e diferentes situações.

Segundo Miguel (2012), com a escrita sucede algo parecido: o docente pode mostrar as crianças algum texto próprio, comentar e consulta-las algumas dúvidas que se tem suscitado a sua produção. Isto é feito, por um lado, para que as crianças possam perceber que o professor

escreve e, por outro lado, porque pode fornecer alguma alternativa interessante para o texto em si.

Uma das situações mais significativas de ensino da alfabetização se dá quando o professor lê em voz alta. Através deste tipo de leitura, as crianças estão lendo através de sua voz, mediado pelo texto que tem nas mãos e o professor consegue comunicar a emoção que desperta o texto.

Sampaio (2004) explica algumas das possíveis intervenções do professor são: coordenar (ajudar a colocar em relação diferentes dados e opiniões diferentes), informar, interrogar: fazer perguntas de tipo exploratório e obter justificativas, abordagem e motivar a criança na leitura e escrita desde o primeiro dia, criar um ambiente alfabetizado, significativo e interessante que considere as experiências anteriores das crianças, fornecer múltiplas e variadas oportunidades e experiências para ouvir, falar, ler e escrever (de acordo com o contexto e a realidade das crianças), integrar a família em atividades de alfabetização.

## 6 O fracasso da alfabetização

Fala-se muito nos dias de hoje em fracasso escolar, escolas “salvíficas”, incompetências do professor e desinteresse dos alunos. Esse emaranhado de problemas faz parte do cenário brasileiro de educação e é vivenciado todos os dias com escolas que fecham as portas por não conseguirem atingir o nível básico exigido de ensino, pais e responsáveis que consideram a escola redentora de todo o saber e por isso unicamente responsável pela transformação e formação dos indivíduos, professores que não conseguem exercer sua autonomia na sala de aula, justamente porque não a tem. Enfim, poderíamos enumerar várias situações que fazem parte da problemática educação brasileira.

Tendo em vista isso, falaremos sobre o fracasso na alfabetização que também é algo real e precisa inicialmente ser verificado. Soares (2004), aponta algumas das possíveis explicações para o fracasso da alfabetização, uma delas, tratada neste projeto: a falta de especificidade:

Várias causas podem ser apontadas para essa perda de especificidade do processo de alfabetização; limitando-me às causas de natureza pedagógica, cito, entre outras, a reorganização do tempo escolar com a implantação do sistema de ciclos, que, ao lado dos aspectos positivos que sem dúvida tem, pode trazer – e tem trazido – uma diluição ou uma preterição de metas e objetivos a serem atingidos gradativamente ao longo do processo de escolarização; o princípio da progressão continuada, que, mal concebido e mal aplicado, pode resultar em descompromisso com o desenvolvimento gradual e sistemático de habilidades, competências, conhecimentos (SOARES, 2004, p. 9).

Podemos assim destacar inúmeros procedimentos metodológicos de ensino que muito mais fazem o aluno ler do que o ensinam a ler. Muitas vezes para atender uma demanda da escola ou de interesses pessoais e da família, são usados métodos já ultrapassados e sem significação direta com a realidade da comunidade. Não nos cabe, porém, nesse projeto, criticar os métodos construídos por professores A ou professores B, uma vez que estes podem soar como “tradicionais”, mas é relevante levantarmos justamente o contrário, que em anteriormente professores detinham de muitos métodos e pouca teoria para se embasarem e justificarem suas ações, e atualmente o que vemos são procedimentos conteudistas e nenhuma ação com reais significados e que façam sentido para o aluno. Outro levantamento importante é a desassociar

o processo de alfabetização do processo de letramento e Macedo (2001, p. 67) explica:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da, e por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

Sobre algumas variações nos métodos de ensino de alfabetização e do letramento e levando em consideração várias discussões que a Pedagogia, em específico, levanta, destaca-se a que mais usaremos nesse projeto de intervenção culminado a ação pedagógica, e que Frade (2007, p. 25) destaca:

Na história dos métodos temos dois marcos fundamentais: aqueles métodos que elegem subunidades da língua e que focalizam aspectos relacionados às correspondências fonográficas, ou seja, o eixo da decifração e os métodos que priorizam a compreensão. Ambos têm como conteúdo o ensino da escrita, mas diferem em pelo menos dois aspectos: a) quanto ao procedimento mental, ou ponto de partida do ensino que se daria das partes para o todo nos métodos sintéticos e do todo para as partes nos métodos analíticos quanto ao conteúdo da alfabetização que ensinam.

Sabemos, portanto, das inúmeras metodologias para este ensino, porém, iremos considerar este de significação como interventor nesse projeto de pesquisa, acreditando que a forma de apresentar uma palavra significativa, por exemplo, ou até mesmo associá-la através de uma imagem, som, personagem ou história, possibilitará com eficiência, aprendizagem dos fonemas correspondentes.

## 7 Conclusão

As novas contribuições teóricas em torno dos processos iniciais de aprendizagem da leitura e da escrita, nos levam a questionar as práticas pedagógicas que são desenvolvidas em centros de educação inicial com a finalidade de “preparar” a criança para ingressar na escola.

É necessária uma mudança educativa que conduzirá à transformação deste nível; para este fim, é indispensável ter em conta os seguintes aspectos: a criança constrói conhecimento na interação com o ambiente físico e social que as rodeia, formulando hipóteses e explicando o mundo de acordo com o seu esquema mental, o que significa que a criança entra no centro infantil levando o conhecimento da linguagem escrita, conhecimentos que devem ter em conta o professor ao planejar estratégias pedagógicas; a criança constrói e reconstrói o conhecimento sobre a linguagem escrita da mesma forma que a construção da linguagem oral, em um contexto natural mediante experiências de cooperação, real, pertinente e significativa da leitura e da escrita. Desta forma, pouco a pouco, abstrai as regras do fonético sintático e semântico da linguagem escrita; a linguagem serve para organizar o pensamento para aprender, comunicar e

partilhar experiências com outros; a diversidade linguística e o desenvolvimento cognitivo são interdependentes; a aprendizagem da leitura e da escrita intervêm em grande medida o contexto sociocultural que circunda a criança, portanto, é necessário deixar sua cultura, significativa o mais próximo de sua vida.

O ambiente da primeira infância deve promover oportunidades para o diálogo infantil, desenhar, escrever e ler livremente e de forma espontânea; isto é; reproduzir com a linguagem. Para isso, é importante ter um ambiente letrado, rico em materiais, ao alcance da criança para convidar a exploração e manipulação. Para além das áreas de trabalho que tradicionalmente tem uma sala de educação inicial, é importante organizar um “centro da linguagem” onde a criança poderá utilizar vários meios para se comunicar.

Para se criar um espaço favorável em que a criança se sinta livre para criar devem ser colocados livros de histórias, de conceitos, de poemas, rimas e livros produzidos pela própria criança, folhas, fantoches, jogos de alfabetização, lençóis brancos de diferentes tamanhos, construção de papel, envelopes, grampeador, caixa postal, lápis, marcadores, etiquetas e produtos, e sinais conhecidos pela criança, entre outros materiais que promovam o desenvolvimento de expressão oral e escrita.

Para o sucesso de um programa inicial de alfabetização, é importante garantir a participação da família na sala de aula e em atividades de leitura e escrita proposto em casa, todos os fins úteis e divertidos.

Em conclusão, é necessário esclarecer que não se trata de escolarizar na pré-escola, trata de proporcionar oportunidades para a criança explorar criativamente a leitura e escrita e reinventar a linguagem escrita para fazer dela a sua própria. Em suma, se trata de crianças construindo o prazer de ler e escrever.

Considerando as concepções pedagógicas já ressaltadas anteriormente, vale lembrar que as práticas exercem um fator imprescindível na construção do conhecimento e identidade do aluno para uma melhor alfabetização. Assim, o educador deve acima de tudo preparar-se previamente em relação às competências e habilidades inerentes a essa temática, como forma de repassá-la aos alunos.

O educador deve propor atividades que oportunizem aos alunos a apoiar-se em alguns aspectos de alfabetização tais como leitura inicial dos textos que possivelmente poderão ser trabalhados em classe, como estrutura inicial, desenho de texto, ilustrações, para ler textos; além de outras estratégias de leitura tais como: antecipação de significados e inferências, seleção de informações, atribuição de sentidos ao texto impresso, identificação de novas palavras, relação da letra com o som correspondente, produção de textos escritos convencionalmente, separação convencionalmente de palavras do texto assim como reconhecer palavras no texto, são muitas das estratégias que conduzem o professor a ressignificar a sua prática.

Ao professor deve ser estimulado e aplicado as diferentes estratégias de atividades diferenciadas que visem o aprimoramento da leitura, escrita e alfabetização e isto o fazem por meio da intervenção. Para que o aluno debata e questione, é necessário que ele leia e escreva, pois, estes dois aspectos auxiliam-nos e dão preparo para os diversos mundos do saber. As intervenções contribuem para que o educando pense sobre a sua hipótese, desequilibre (ou seja, pense outras possibilidades) para aproximar-se da escrita convencional, até construir a hipótese

ortográfica da escrita.

É na interação que os alunos aprendem e reforçam esse aprendizado. Portanto, planejar situações didáticas em que eles questionem, debatam e realizem essas atividades, é imprescindível na sala de aula. Nessa visão o educador deixa de ser apenas o informante e detentor do saber. Nas intervenções existem um feedback entre docente e discentes o que contribui para a ampliação do seu conhecimento didático pedagógico, além de subsidiar seu bom desempenho nas suas avaliações.

## Referências

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Trad. Horácio Gonzalez (et al). São Paulo: Cortez, Autores Associados, 2006.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais**. Santa Maria, Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

GOMES, Denise Barata. **Caminhando com arte na pré-escola**. Revisitando a pré-escola – São Paulo: Cortez, 2005.

GUEDES, Sulami Pereira. **Educação, pessoa e liberdade: propostas rogerianas para uma práxis psicopedagógica centrada no aluno**. 3. Ed. São Paulo: Mdraes, 2001.

LAZZAROTTO, Elaine Fátima Serena. **Alfabetização e Letramento**. Rio Grande do Sul: Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

MACEDO, Maria do Socorro A. N. **Desafios da alfabetização na perspectiva do Letramento**. Presença Pedagógica. Vol. 7. Belo Horizonte, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MENEGASSI, R. J. **Estratégias de leitura**. Leitura e Escrita. (Org). Maringá, 2010.

MIGUEL, S. E. **Leitura na sala de aula: como ajudar os professores a formar bons leitores**. São Paulo, 2012.

SAMPAIO, Dulce Maria. **A pedagogia do ser: Educação dos sentimentos e dos valores humanos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SOARES, Magda Becker. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

SOARES, Magda Becker. **As muitas facetas da alfabetização**. São Paulo: Cadernos de Pesquisa, 2006.

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 6.ed. São Paulo: Papyrus, 2001.